
Reflexões sobre o fenômeno da “centralidade” a partir do quadro teórico da “Antropologia da Cidade”

Alvaro Luis dos Santos Pereira

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1075>

DOI: 10.4000/pontourbe.1075

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

Data de publicação: 1 Dezembro 2012

Referência eletrónica

Alvaro Luis dos Santos Pereira, « Reflexões sobre o fenômeno da “centralidade” a partir do quadro teórico da “Antropologia da Cidade” », *Ponto Urbe* [Online], 11 | 2012, posto online no dia 01 dezembro 2007, consultado o 02 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1075> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1075

Este documento foi criado de forma automática no dia 2 Maio 2019.

© NAU

Reflexões sobre o fenômeno da “centralidade” a partir do quadro teórico da “Antropologia da Cidade”

Alvaro Luis dos Santos Pereira

Introdução

- 1 As reflexões sobre o espaço urbano envolvem a mobilização de categorias analíticas por meio das quais se busca a apreensão de regularidades que auxiliem na compreensão de sua dinâmica social. Seja no âmbito de formulações acadêmicas, seja na esfera de discursos informais em que não está presente a preocupação de se fundamentar metodologicamente o emprego de uma determinada expressão ao se formular proposições sobre um tema, a abordagem de questões envolvendo a interação entre o homem e o espaço passa pela adoção de conceitos que operam simultaneamente a diferenciação entre circunscrições territoriais específicas e sua inserção numa teia de relações de natureza sócio-espacial.
- 2 Noções como centro, periferia, mancha, pedaço, quebrada, vizinhança, fronteira, circuito, entre outras, pressupõem a associação de um grupo identitário ou de um conjunto de práticas sociais a uma determinada territorialidade. A formação dessas identidades, ao mesmo tempo em que promove o reconhecimento e a afirmação de um universo sócio-cultural próprio, toma como pressuposto a existência de um "outro", estabelecendo-se por meio da negação do que é percebido como externo. Esse processo de diferenciação envolve também o estabelecimento de uma sintaxe espacial, onde são concebidas relações de diferentes tipos entre frações do espaço e seus respectivos usuários.
- 3 A construção de identidades sócio-espaciais e seu posicionamento em relação a outras espacialidades se dá em diversas escalas geográficas, podendo assumir diferentes níveis de generalidade. Elas podem assumir graus mais ou menos precisos de delimitação territorial. Pode-se pensar a diferenciação espacial na escala de uma casa - o quarto dos

pais, o quarto dos filhos e o quarto dos empregados; na escala de uma rua - a casa da família e as casas dos vizinhos; na escala de uma cidade - os moradores da zona leste e os moradores da zona oeste; na escala mundial - os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos; e assim por diante. Elas podem se estruturar a partir de fatores como gostos musicais, práticas esportivas, especialidades profissionais, condição econômica, etnia, convicções político-ideológicas, contiguidade geográfica, entre outras, não levando necessariamente ao estabelecimento de circunscrições territoriais tão nítidas e, eventualmente, justapondo-se a outras expressões identitárias.

- 4 A concepção e a disseminação de categorias empregadas na caracterização de fenômenos de diferenciação sócio-espacial decorrem da observação de regularidades, da constatação de lógicas que se repetem em diferentes contextos nos processos de formação de identidades de alguma forma relacionadas a um recorte territorial. Entre as diversas categorias a que se recorre para se descrever a dinâmica do espaço urbano, o termo "centralidade" pode ser apontado como exemplo de uma noção que permeia diferentes tipos de discurso nos mais variados contextos geográficos, o que sugere tratar-se da representação de um fenômeno estruturante das relações sociais nas cidades. Da placa que descreve o itinerário de uma linha de ônibus no sentido "centro-bairro" ao artigo acadêmico que explora a temática das "novas centralidades", passando-se pela referência de adeptos do espiritismo ao "centro espírita", ou pela fala informal de uma dona de casa moradora do subúrbio que, valendo-se de uma construção linguística de natureza metonímica, diz à vizinha que vai à "cidade" fazer compras, esta noção, ainda que assumindo sentidos distintos, é empregada de modo recorrente para se definir a posição de um determinado fragmento do espaço em relação a outros.
- 5 Neste trabalho, buscarei contrapor diferentes perspectivas quanto à noção de centralidade, contrastando seus pressupostos epistemológicos e mostrando os diferentes caminhos analíticos a que elas conduzem. Inicialmente, será feita uma exposição das divergências teóricas acerca da conveniência do uso desta categoria no debate sobre a cidade contemporânea. Em seguida, será feita uma reflexão acerca do tipo de relação por ela representada e de sua abrangência. Para tanto, serão evocadas algumas categorias analíticas adotadas no âmbito da chamada "antropologia da cidade" para se caracterizar processos de estruturação de relações sociais no espaço, buscando-se evidenciar, por um lado, a presença da noção de centralidade como pressuposto das primeiras e, por outro, a existência de uma dimensão significativa no interior desta última que transcende em generalidade os fenômenos expressos pelas outras. Serão contrapostas diferentes acepções da noção de centralidade ao longo do trabalho, buscando-se relacionar as divergências identificadas ao modo como se trabalha com a questão da totalidade.

Entre a relativização e a afirmação da centralidade

- 6 A negação dos fundamentos epistemológicos do pensamento moderno empreendida pelos teóricos da pós-modernidade - e por aqueles que, inconsciente ou veladamente, incorporam os pressupostos desse paradigma - impactou profundamente o modo de se conceber a cidade e a centralidade. A transposição de suas premissas metodológicas para a análise dos fenômenos urbanos resultou na disseminação de modelos explicativos que relativizam categorias que pressupõem a possibilidade de apreensão do espaço urbano como totalidade estruturada a partir de um centro.

- 7 Um exemplo emblemático da perspectiva a que faço referência é a chamada Escola de Los Angeles. Inspirados na cidade que dá nome a essa corrente, seus representantes formularam modelos explicativos que destoam de representações teóricas da cidade como aquelas formuladas pela chamada Escola de Chicago (cf. NICHOLLS, 2011, p. 189), ou por autores ligados à tradição marxista em sua vertente estruturalista¹. Dedicando-se a estudos de caso na região de Los Angeles, esses autores descreveram tal metrópole como um cenário urbano fragmentário e disperso, como uma colagem de configurações sócio-espaciais com características específicas e dispostas no espaço sem seguir uma lógica perceptível. Afastam-se, assim, dos modelos explicativos funcionalistas provenientes da Escola de Chicago, em que a cidade é equiparada metaforicamente a um ente biológico, sendo descrita como uma combinação de partes que, tal qual os órgãos e tecidos de um ser vivo, desempenhariam funções específicas em seu metabolismo, buscando-se identificar configurações morfológicas que expressariam modos universais de organização sistêmica do espaço urbano². Distanciam-se também das representações do espaço urbano de orientação estruturalista, nas quais a configuração morfológica das cidades é identificada como expressão espacial de relações de classe e de poder, assumindo dualidades como o espaço da classe trabalhadora e o espaço da classe dominante, o espaço da reprodução do capital e o espaço da reprodução social, o centro e a periferia, seguindo uma dinâmica determinada por fatores estruturais, de abrangência supostamente universal (ver CASTELLS, 1972).
- 8 Com o grande sucesso das concepções urbanísticas provenientes das universidades do sul da Califórnia, alguns conceitos integrantes de seu arcabouço teórico passaram a ganhar repercussão crescente no debate, sendo empregados em estudos do processo de urbanização em diversos contextos geográficos. Entre as categorias analíticas disseminadas por essa corrente, podem-se mencionar a idéia de "cidade-região", formulada pelo britânico Allan Scott, ligado ao departamento de geografia da Universidade da Califórnia-Los Angeles (UCLA), bem como a noção de cidades polinucleares, presente em obras de outro representante desta vertente, como o norte-americano Edward Soja, vinculado ao mesmo departamento da UCLA. Ambas relativizam a importância de um centro estruturante na definição da morfologia das cidades contemporâneas.
- 9 Ainda que seus modelos explicativos reflitam as características do processo de urbanização observadas num contexto geográfico específico, não sendo automaticamente universalizáveis, a ampla identificação de Los Angeles como um lugar de vanguarda (ver DAVIS, 2009), como uma cidade que antecipa tendências nos campos da cultura, da produção econômica e, de forma mais ampla, no modo de vida contemporâneo, legitimou metodologicamente a adoção dessas categorias na análise de realidades urbanas bastante distintas daquela da metrópole da costa oeste norte-americana (ver SARMENTO, 2003, p. 259). Um exemplo emblemático desse fenômeno é a obra *Cidade de Muros*, de Teresa Caldeira (ver CALDEIRA, 1997), em que a autora analisa as transformações recentes dos padrões urbanísticos da cidade de São Paulo. Sem deixar de fazer ressalvas quanto à existência de significativas diferenças no tocante ao papel exercido pela centralidade na estruturação do tecido urbano dessas duas cidades, a autora traça paralelos entre o recente desenvolvimento de São Paulo e a configuração espacial de Los Angeles, reconhecendo em fenômenos como a proliferação de condomínios fechados em áreas afastadas e a multiplicação de shopping centers a expressão de um processo de aproximação entre os padrões urbanísticos da capital paulista e os da metrópole norte-

americana. Em sua visão, embora São Paulo seja muito mais centralizada que Los Angeles, seu desenvolvimento urbano caminhará no sentido da perda de importância do centro e da dispersão geográfica.

- 10 Ainda que a perspectiva analítica dos pesquisadores da Escola de Los Angeles não negue a existência do fenômeno da centralidade, suas formulações identificam a suburbanização e a fragmentação do tecido urbano como traços fundamentais do desenvolvimento das cidades contemporâneas, desviando o foco da análise da investigação de processos de alcance mais abrangentes para a exploração de especificidades locais. No âmbito dos estudos sobre os processos de urbanização, a aversão dos pós-modernos ao que chamam de discursos de viés totalizante traduz-se metodologicamente na priorização do particular e do local em detrimento do geral e do universal. Ao se abdicar à formulação de proposições teóricas que expliquem a articulação entre os diversos fragmentos do espaço urbano, a noção de centralidade, ainda que não tenha sua importância totalmente refutada, torna-se uma preocupação secundária³.
- 11 No entanto, a perspectiva de fragmentação e descentralização anunciada por autores como os representantes da Escola de Los Angeles choca-se com concepções teóricas não menos influentes que, ao menos nesse aspecto, postulam exatamente o oposto. Há uma variedade de formulações discursivas que, embora partindo de premissas metodológicas distintas, atestam a intensificação da importância dos centros urbanos no mundo contemporâneo.
- 12 Pode-se apontar como exemplo desta perspectiva a chamada doutrina do planejamento estratégico das cidades (ver VAINER, 2000; COMPANS, 2005; NOVAIS, 2010). Entre as diferentes vertentes desse paradigma de gestão urbana, que pode ser sintetizado como uma tentativa de transposição de princípios e técnicas de administração de empresas para o âmbito do planejamento das cidades, podemos apontar o assim chamado "Modelo Barcelona" como um de seus protótipos de maior sucesso acadêmico e político⁴. Essa expressão designa um conjunto de práticas de gestão urbana adotadas na cidade de Barcelona entre final dos anos 80 e o início dos anos 90 do século anterior, época em que a cidade saiu vitoriosa da campanha para sediar os Jogos Olímpicos de 1992. Esse acontecimento seria o atestado de que o tipo de gestão que vinha sendo implementado na cidade constituiria uma fórmula de sucesso, viabilizando a reabilitação de uma cidade que, há poucos anos, encontrava-se imersa numa série crise econômica, decorrente de um intenso processo de desindustrialização. Figurando como um dos protagonistas da implementação dessas práticas administrativas e de sua sistematização teórica, o celebrado urbanista catalão Jordi Borja percorreu diversas cidades do mundo ensinando a "receita" do sucesso de Barcelona⁵. A implementação de políticas de "revitalização" de centros urbanos "degradados" estaria entre suas principais recomendações, podendo-se dizer que a centralidade figura como uma categoria fundamental na perspectiva dos representantes dessa vertente da doutrina do planejamento estratégico das cidades.
- 13 Outra perspectiva que reforça a importância da centralidade como categoria explicativa dos processos de estruturação do espaço urbano é a teoria das "cidades globais", formulada pela socióloga holandesa Saskia Sassen (ver SASSEN, 1991). A autora questiona a suposição, bastante difundida, e até mesmo intuitiva, de que o processo de globalização implicaria na dispersão de atividades produtivas pelo planeta e na conseqüente redução da importância relativa dos grandes centros urbanos. Em linhas gerais, a autora defende a hipótese de que o crescimento da complexidade dos fluxos econômicos mundiais decorrente do processo de globalização teria levado ao crescimento da demanda por

serviços avançados em áreas como finanças, tecnologia da informação, serviços jurídicos especializados, marketing, entre outros. O desenvolvimento dessas atividades dependeria da existência de uma massa crítica de profissionais altamente especializados, condição que só estaria dada em lugares como Nova Iorque, Tóquio, Londres, entre outros de menor expressividade. A autora elabora um ranking das cidades globais baseado em critérios como o número de sedes de empresas multinacionais nelas situadas, o grau de sofisticação de seus serviços financeiros, a dimensão dos respectivos mercados de capitais, o volume de ligações telefônicas para o exterior, o número de destinos internacionais disponíveis em seus aeroportos, entre outros, classificando-as numa escala de 1 a 5. No primeiro escalão figurariam apenas as três cidades mencionadas acima, com a proeminência de Nova Iorque. No segundo escalão, cidades como Paris, Frankfurt, Los Angeles, entre outras. São Paulo, a maior cidade do hemisfério sul, apareceria apenas no terceiro escalão. Nessa chave analítica, não apenas se reafirma o importância do processo de centralização na fase atual do desenvolvimento urbano, como se postula a existência de uma hierarquia dos centros, na qual a relação centro-periferia é apreendida na escala mundial.

- 14 Outra perspectiva teórica que enfatiza o fortalecimento do papel dos centros urbanos é a do geógrafo escocês Neil Smith. Em sua contundente crítica ao que chama de urbanismo neoliberal, o autor apresenta a metáfora de uma cidade revanchista, onde se observaria a articulação entre elites locais, órgãos governamentais e agentes do capital financeiro internacional para promover a gentrificação de centros urbanos supostamente degradados. Partindo de estudos de caso na cidade de Nova Iorque, o autor defende a hipótese de que esse tipo de intervenção vem se disseminando ao redor do mundo com grande velocidade, passando da condição de mera “anomalia local” à de “estratégia global” de acumulação do capital. Seguindo uma linha interpretativa bastante próxima à que é adotada pelo geógrafo britânico David Harvey no tocante às transformações observadas no modo de produção capitalista a partir das últimas décadas do século XX, para quem estaria ocorrendo a emergência de um novo modo de regulação econômica denominado “regime de acumulação flexível”, Smith identifica um processo de aprofundamento da conexão entre o mercado de capitais e a propriedade imobiliária como uma das principais tendências do período em questão (ver SMITH, 1996; HARVEY, 2006). Adotando a crítica à economia política de Marx como referência teórica básica, esses autores sustentam a tese de que o desenvolvimento capitalista conduziria a uma convergência entre juros e renda fundiária, de modo que a propriedade da terra viria a se tornar um ativo econômico semelhante aos títulos transacionados no mercado financeiro, assumindo características de “capital fictício”. Nessa chave analítica, a gentrificação teria despontado como uma atividade primordial no novo contexto econômico, adquirindo expressividade global. Os centros urbanos desempenhariam um papel fundamental nesse processo, figurando como espaços privilegiados de estratégias de valorização do capital financeiro através da especulação com a propriedade imobiliária.
- 15 Também podem ser mencionadas formulações teóricas que adotam a centralidade como categoria de análise fundamental no âmbito do debate brasileiro. Em estudos sobre as operações urbanas promovidas no quadrante sudoeste da cidade de São Paulo, a urbanista Mariana Fix identifica um processo de concentração de investimentos públicos e empreendimentos privados na área em questão. A autora interpreta as transformações urbanísticas observadas nessa região como uma imitação, em pequena escala, dos arranjos econômicos e padrões estéticos característicos de centros urbanos de economias

desenvolvidas (ver FIX, 2001). Refletindo sobre a posição ocupada por essa parcela específica da cidade no conjunto do espaço urbano, a autora identifica um processo de deslocamento da centralidade em direção ao chamado vetor sudoeste. Abrindo o horizonte da análise para a escala mundial, Mariana Fix descreve a montagem da “cidade global” paulistana como uma “miragem”, expondo os limites do que entende ser uma tentativa de reprodução dos padrões dos centros urbanos dos países avançados numa metrópole periférica (ver FIX, 2007). O antropólogo Heitor Frúgoli Jr. também adota a centralidade como uma categoria-chave para analisar os processos de desenvolvimento urbano na cidade de São Paulo (ver FRÚGOLI JR., 2001). Em estudo onde analisa diferentes tipos de articulação entre o poder público, a iniciativa privada e a sociedade civil existentes na capital paulista, o autor toma como ponto de partida a existência de três centralidades principais: o “Centro” propriamente dito, a região da Avenida Paulista e a região que compreende a Avenida Engenheiro Luís Carlos Berrini e a Avenida das Nações Unidas (Marginal Pinheiros). Nas perspectivas de Mariana Fix e de Frúgoli Jr., não apenas se assume a existência de fenômenos de polarização do espaço urbano ao redor de centralidades como pressuposto, como também se toma suas reconfigurações e deslocamentos como fator chave para a compreensão da dinâmica da cidade.

- 16 Este trabalho não tem o intuito de apontar qual perspectiva teórica seria a mais apropriada para descrever os processos de urbanização no mundo contemporâneo - a que enfatiza a fenômeno da centralidade ou a que realça a fragmentação do espaço urbano. Por acreditar que a explicitação de pressupostos metodológicos é uma postura saudável, reconheço estar mais alinhado à primeira corrente. No entanto, ao invés de simplesmente apresentar argumentos para defendê-la, proponho-me aqui a realizar uma reflexão acerca das potencialidades e dos riscos trazidos por cada uma delas, buscando repensar o emprego da categoria “centralidade” na exploração de questões associados ao espaço urbano a partir da incorporação de aportes metodológicos trazidos pela perspectiva que destaca sua fragmentação.
- 17 O que diferencia fundamentalmente essas duas abordagens me parece ser a questão da totalidade. Os discursos que postulam a descentralização e a fragmentação interessam-se primordialmente pela investigação e descoberta de peculiaridades de lugares específicos. A formulação de hipóteses que busquem articular as fragmentações identificadas no espaço urbano num modelo explicativo que possibilite a representação da cidade como uma totalidade integrada por relações sócio-espaciais de caráter estruturante está fora de sua agenda. Numa acepção extremada dessa perspectiva, a identificação de relações de causalidade entre processos de escopo global e configurações locais mostra-se uma preocupação secundária, ou mesmo uma operação metodologicamente insustentável. Ainda que se aponte o processo de fragmentação e descentralização como um fenômeno de alcance geral, deixa-se em aberto a questão acerca da existência de regularidades e forças motrizes por trás das configurações sócio-espaciais da cidade contemporânea, o que abre espaço para que ela seja caracterizada como uma colagem de elementos aleatórios caoticamente articulados. O título de uma das principais obras de Edward Soja, “Geografias pós-modernas”, é bastante ilustrativo dessa tendência. A adição da desinência de plural ao nome da disciplina lecionada pelo autor e ao adjetivo que a acompanha faz com que o diagnóstico da fragmentação recaia não apenas sobre o objeto da análise, mas também sobre seus próprios fundamentos epistemológicos. Ela sugere a impossibilidade de uma geografia pós-moderna unitária, com pressupostos teóricos e procedimentos metodológicos definidos e generalizáveis.

- 18 Por um lado, esse postura pode contribuir para a oxigenação dos processos cognitivos, abrindo caminho para o intercâmbio entre universos epistemológicos dissociados e proporcionando ao observador a descoberta de elementos inesperados, não conhecidos de antemão. Por outro lado, ela pode levá-lo à mera elaboração de um inventário de constatações empíricas casuísticas e desarticuladas, que não tenham nada a oferecer além da alimentação da curiosidade de seus eventuais interlocutores.
- 19 Os discursos que enfatizam o fenômeno da centralidade, por sua vez, têm como pressuposto a possibilidade de se apreender relações de caráter sistêmico entre circunscrições sócio-espaciais específicas. Daí advêm também os riscos envolvidos nessa linha de abordagem. Ao se analisar a dinâmica do espaço urbano a partir de formulações teóricas cujo foco analítico busque dar conta da totalidade, pode-se facilmente cair numa operação tautológica, onde o universo de elementos empíricos levados em consideração seja previamente restringido em decorrência da adoção de procedimentos metodológicos condizentes com um determinado modelo explicativo, e onde a atividade de campo, descartando de antemão elementos que não sejam previamente identificados como fatores relevantes, conduza invariavelmente à confirmação das proposições da teoria, não exercendo nenhum papel além de servir-lhe de exemplo. Casos recorrentes desse tipo de abordagem são os discursos que postulam a preponderância absoluta dos fatores econômicos sobre as demais dimensões da vida social, explicando a dinâmica do espaço urbano como mera extensão do processo de reprodução do capital e, quando muito, de suas contradições. Encarando fatores de outra ordem como meras contingências, fenômenos residuais sem importância, aqueles que seguem essa linha ficam presos a modelos analíticos engessados, em que o trabalho de campo não proporciona a revisão crítica das premissas metodológicas e dos paradigmas epistemológicos adotados, levando a conclusões previsíveis.
- 20 O antropólogo José Guilherme Magnani faz uma diferenciação entre duas perspectivas metodológicas que, em certa medida, dialoga com a dicotomia que tentei caracterizar até aqui: o olhar "de fora e de longe" e o olhar "de perto e de dentro" (ver MAGNANI, 2002). Buscando estabelecer fundamentos teórico-metodológicas para a realização de pesquisas antropológicas no meio urbano, o autor mostra-se engajado na busca de um equilíbrio entre esses dois extremos. Expressando a perspectiva "de perto e de dentro", Magnani defende o emprego da etnografia nos estudos urbanos como uma prática capaz de contribuir para a apreensão da pluralidade de atores e processos sociais existentes nas cidades, buscando evitar que se caia na elaboração de discursos esquemáticos onde a cidade seja dissociada de seus habitantes e, no limite, encarada como mera extensão do sistema capitalista e de suas mudanças conjunturais⁶.
- 21 Por outro lado, Magnani não refuta a importância de se levar em consideração os processos de natureza macro, afirmando não haver a "necessidade de muitos malabarismos pós-modernos para aplicar com proveito a etnografia a questões próprias do mundo contemporâneo e da cidade (MAGNANI, 2002, p.1)". Valendo-se do olhar etnográfico, o autor busca identificar regularidades nas configurações sócio-espaciais, engajando-se na formulação de categorias que expressem relações estruturantes da vida urbana. Em suas palavras:
- Partir das regularidades, dos padrões e não das "dissonâncias", "desencontros", "hibridizações" como condição da pesquisa supõe uma contrapartida no plano teórico: a ideia de totalidade como pressuposto. Não se trata, evidentemente, daquela totalidade que evoca um todo orgânico, funcional, sem conflitos; tampouco se trata de uma totalidade que coincide, no caso da cidade, com os seus limites

político-administrativos: em se tratando de São Paulo, por exemplo, é impensável qualquer pretensão de etnografia de uma área de 1.525 km² ocupada por cerca de doze milhões de pessoas. No entanto, renunciar a esse tipo de totalidade não significa embarcar no extremo oposto: um mergulho na fragmentação. Se não se pode delimitar uma única ordem, isso não significa que não há nenhuma; há ordenamentos particularizados, setorizados; há ordenamentos, regularidades (MAGNANI, 2002, pp. 14-15).

As categorias analíticas da “antropologia da cidade”

- 22 Transitando entre a perspectiva “de perto e de dentro” e o olhar “de longe e de fora”, Magnani caminha da antropologia “na cidade” para uma antropologia “da cidade”, enumerando um rol de categorias que contribuiriam para a apreensão de regularidades na dinâmica urbana⁷. O autor propõe como chaves para análise do espaço urbano categorias como o pedaço, o trajeto, a mancha, o pórtico e o circuito.
- 23 O pedaço representaria uma parcela do espaço que se torna referência para um grupo determinado de frequentadores. Seria um intermediário entre a casa e a rua, envolvendo relações de proximidade, onde os integrantes se conhecem pessoalmente, e onde se formam códigos de conduta específicos. O conceito comporta uma dimensão espacial - um território delimitado - e uma dimensão social - uma rede de relações em que se estabelecem diferentes níveis de pertencimento. Sua abrangência física é pequena, e as relações interpessoais são de grande densidade.
- 24 O “efeito pedaço”, entretanto, poderia se manifestar sem depender necessariamente de relações de vizinhança. Poderia haver pedaços integrados por frequentadores que se aglutinam numa localidade em virtude de fatores como afinidades culturais, práticas esportivas, etc, sem necessariamente estarem próximos de suas casas. Na medida em que a abrangência territorial se expande e os laços de proximidade tornam-se menos estreitos, passa-se a outro tipo de fenômeno: a mancha. Esta seria mais estável na paisagem urbana. Ela não se estabeleceria em virtude da proximidade física de seus frequentadores, mas da existência de equipamentos e práticas que despertam o interesse de um público mais amplo e engendram a confluência de grupos com certa afinidade para uma área específica da cidade. As relações travadas em seu interior seriam mais impessoais que as do pedaço⁸.
- 25 Para Magnani, também seria possível apreender regularidades no modo como as pessoas circulam pela cidade, percorrendo caminhos no interior de pedaços e manchas específicos e transitando entre eles. Esses movimentos não seriam totalmente aleatórios, seguindo uma lógica, a partir da qual se constituiriam os trajetos. Nos deslocamentos pela cidade, as pessoas atravessariam fronteiras, zonas de transição entre pedaços e manchas. Estes, por sua vez, seriam os pórticos. Por último, o autor introduz a idéia de circuito. Este seria constituído por um conjunto de equipamentos e localidades onde se compartilhariam determinadas práticas, códigos comunicativos, etc, constituindo-se como referência para grupos identitários. Eles não dependeriam da contiguidade geográfica, manifestando-se numa escala mais abrangente⁹.
- 26 Pode-se notar a existência de uma sintaxe relacionando essas modalidades de estruturação do tecido urbano. Um pórtico estabeleceria a fronteira entre pedaços ou manchas, um circuito poderia ser descrito como uma combinação de trajetos, manchas e pedaços, ou mesmo de um conjunto de sub-circuitos, e assim por diante. Da idéia de

pedaço à de circuito, pode-se observar uma ampliação da escala geográfica de abrangência do fenômeno sócio-espacial representado. Enquanto a noção de pedaço descreve uma situação urbana circunscrita a uma área de extensão pequena, com limites territoriais bem definidos, a idéia de circuito comporta referências a fenômenos que podem transcender a escala de uma cidade ou de um país, eventualmente alcançando a escala mundial¹⁰. Nessa sucessão de categorias, juntamente com a ampliação da escala geográfica, e até mesmo como sua consequência, nota-se também a elevação do grau de impessoalidade das relações sociais representadas. Do pedaço ao circuito, pode-se constatar ainda uma crescente no que tange ao nível de generalidade da análise, passando-se da identificação de configurações sócio-espaciais representáveis num mapa com relativa precisão à descrição de processos bastante fluídos, cuja caracterização exige um grau considerável de abstração.

- 27 Magnani explicita sua preocupação em transcender o âmbito local, articulando as constatações verificadas no plano micro a partir de um olhar "de perto e de dentro" com modelos explicativos que abarquem processos sociais de alcance mais abrangente. O autor conclui a reflexão metodológica sobre a "antropologia da cidade" enfatizando que sua meta é encontrar uma lógica mais geral de estruturação do espaço urbano:

As grandes metrópoles contemporâneas não podem ser vistas simplesmente como cidades que cresceram demais e desordenadamente, potencializando fatores de desagregação [...] cabe reafirmar, por fim, que a meta é seguir em busca de uma lógica mais geral. Do olhar de perto e de dentro, próprio da etnografia, para um olhar distanciado, em direção, aí sim, a uma antropologia da cidade, procurando desvelar a presença de princípios mais abrangentes e estruturas de mais longa duração. É somente por referência a planos e modelos mais amplos que se pode transcender, incorporando-o, o domínio em que se movem os atores sociais, imersos em seus próprios arranjos, ainda que coletivos (MAGNANI,2002, pp. 27-28).

A antropologia da cidade e a categoria "centralidade"

- 28 No rol de categorias propostas por Magnani para se pensar as regularidades na estruturação da vida na cidade contemporânea, a idéia de circuito é a que conduz a análise ao patamar mais elevado de generalidade e abstração. Os fenômenos sócio-espaciais passíveis de representação por meio do uso dessa categoria, entretanto, ainda guardam maior especificidade do que o tipo de relação expressa na noção de centralidade.
- 29 Um circuito, pensado na escala de uma cidade, representa um conjunto de equipamentos, lugares e referências simbólicas que fazem sentido para um público determinado. Ainda que sua existência possa ser percebida por outros segmentos sociais, e que estes possam até mesmo conhecer razoavelmente suas formas de territorialização, o circuito não figura necessariamente como um fator determinante na vida cotidiana daqueles que não compartilham as práticas que o constituem. Ainda que seu âmbito de abrangência venha a alcançar a escala mundial, os mecanismos de estruturação sócio-espacial engendrados por um circuito podem exercer pouca influência ou mesmo ser desconhecidos por amplos setores da sociedade, não caracterizando fenômenos de escopo universal.
- 30 A idéia de centralidade, por sua vez, tem a universalidade como pressuposto. Quando se fala no "centro" de uma cidade, por exemplo, parte-se da premissa de que existe uma parcela específica de seu território passível de ser reconhecida por todos como tal, independentemente de qual seja o local de moradia, a condição econômica, a etnia, a crença religiosa ou a preferência artística da pessoa ou do grupo social considerado. Além

disso, tal como ocorre com a noção de circuito, a centralidade pode ser aferida em diferentes escalas geográficas, expressando relações sócio-espaciais que se manifestam desde delimitações territoriais de pequeno porte até o plano mundial. Recorrer a essa categoria analítica significa, portanto, avançar mais um passo em direção à totalidade.

- 31 A reflexão que busco empreender nessa etapa final do presente trabalho é se faria ou não sentido, dentro horizonte analítico da "antropologia da cidade" conforme concebida por Magnani, valer-se da noção de centralidade como categoria explicativa dos processos de estruturação da vida urbana. Ou seja, se o uso dessa categoria pode ou não contribuir para que se pense a dinâmica de estruturação do espaço urbano de modo a se buscar sua lógica mais geral, sem que isso implique a supressão das especificidades locais e a desconsideração da pluralidade de seus atores concretos.
- 32 Inicialmente, cabe ressaltar que são abundantes os discursos onde essa categoria sintetiza exatamente o tipo de abordagem que Magnani busca evitar, expressando uma visão reificada da cidade onde esta é descrita em termos funcionalistas, com a ausência de conflitos e, em última análise, sendo regida por uma "variável independente" erigida à condição de "explicação total e final". Especialmente ao se pensar a centralidade em escalas geográficas mais abrangentes, incorre-se com frequência na adoção de critérios econômicos como fator determinante, descartando-se da análise elementos de outra ordem.
- 33 O enfoque dado por Sassen à temática das cidades no mundo contemporâneo é bastante representativo do reducionismo criticado por Magnani. Elegendo a gestão financeira como variável fundamental, a autora agrupa algumas metrópoles pré-selecionadas num esquema classificatório de natureza piramidal. Postula, assim, a existência de um sistema mundial de cidades hierarquicamente estruturado, formado por centros principais ao redor dos quais orbitariam centros secundários que, por sua vez, exerceriam centralidade sobre cidades em suas respectivas regiões, e assim por diante. Seu modelo explicativo poderia ser equiparado à imagem de uma galáxia formada por astros de diferentes escalas de grandeza, os menores girando ao redor dos maiores, e todos orbitando ao redor das corporações financeiras sediadas na cidade de Nova Iorque. Sintomaticamente, o ranking de cidades globais elaborado pela autora deixa extensas partes do globo de fora da análise, muitas delas densamente povoadas, o que não deixa de ser coerente com os fundamentos metodológicos de uma teoria que não dá importância a aspectos alheios à coordenação de fluxos financeiros no contexto de uma economia globalizada.
- 34 Harvey, por sua vez, mostra-se mais preocupado em fornecer elementos para a compreensão dos processos que levam ao deslocamento da centralidade do que em descrever sua configuração num momento específico. O autor busca identificar as contradições que fariam da centralidade um fenômeno inevitavelmente instável, diferenciando-se de abordagens que o caracterizam como algo estático. Em seu modelo explicativo, a constituição de uma centralidade conteria em si os fundamentos de sua própria implosão. A formação de um centro envolveria a sedimentação numa parcela específica do espaço de estruturas fixas que possibilitam a mobilidade de pessoas, mercadorias, informações, capitais, etc. Num dado momento, a acumulação dessas estruturas imporia barreiras ao próprio processo de circulação, tornando-se disfuncional e precipitando a configuração de uma crise. Uma vez alcançado esse estágio, teria início um processo de ajuste espacial, em que capitais seriam exportados para novas frentes de acumulação. Essas, por sua vez, também chegariam a um ponto de saturação, irradiando novos processos de ajuste espacial. Após certo tempo de decadência de uma antiga

centralidade, surgiriam as chamadas oportunidades de re-investimento. Com o valor de propriedades imobiliárias depreciados e a disponibilidade de infra-estrutura abundante e sub-utilizada, essas áreas se tornariam atraentes outra vez, podendo receber consideráveis aportes de capital e retomar a importância do passado.

- 35 Nesse modelo explicativo, a centralidade caracteriza-se como uma condição transitória, havendo sempre a possibilidade de reconfiguração da relação centro-periferia. No entanto, a dinâmica do processo é pensada fundamentalmente como decorrência das contradições do capital, tomando-se o espaço como plataforma de sua reprodução. Ainda que Harvey empreenda análises sociais abertas à consideração de fatores de outra ordem, o modo como o autor trabalha a noção de centralidade expressa a pressuposição da primazia da economia política, caracterizando esse fenômeno em função do processo de circulação do capital no espaço construído. Sua perspectiva analítica fecha-se à identificação de outros sentidos na noção de centralidade. Se, por um lado, ela permite a identificação de relações entre os processos de estruturação observados nas cidades e a lógica mais ampla da circulação do capital, por outro, reduz o papel de outras dinâmicas e de outros atores existentes na cidade na constituição das centralidades.
- 36 O mesmo parece ocorrer com a abordagem de Frúgoli Jr. Refletindo sobre a cidade de São Paulo, o autor questiona a possibilidade de se pensar sua estruturação a partir de um centro único, admitindo a existência de várias centralidades. Passa, então, à análise de articulações formadas para promover melhorias urbanísticas nas áreas que constituiriam suas centralidades principais, elegendo o “Centro Antigo”, a região da Avenida Paulista e as imediações da Avenida Engenheiro Luís Carlos Berrini como recorte de sua pesquisa. O que teria levado o autor à convicção de que estas seriam as principais centralidades de São Paulo? Parece-me estar implícita em sua perspectiva a escolha da dinâmica do setor imobiliário como critério fundamental. Ainda que sua pesquisa retrate as conflitos de interesse nas respectivas áreas, identificando a existência de uma pluralidade de atores sociais em seu interior, priorize-se o papel de um tipo de ator em detrimento dos demais. Os últimos são reduzidos à condição de focos de resistência às estratégias dos primeiros, figurando na análise como coadjuvantes.
- 37 Diferentemente do que ocorre com as referidas perspectivas teóricas, me parece haver uma possibilidade de combinação frutífera entre a caracterização do fenômeno da centralidade empreendida pelo filósofo francês Henri Lefebvre e as categorias propostas por Magnani para se refletir sobre a dinâmica das cidades. As formulações de Lefebvre permitem pensar a dialética da centralização-fragmentação sem que se negligencie a totalidade, mas sem que o capital seja erigido à condição de variável independente, explicação última e total. Em sua abrangente reflexão sobre o processo de produção do espaço urbano, o autor identifica uma simultaneidade entre duas dinâmicas colidentes: a do “espaço abstrato” e a do “espaço social” (ver LEFEBVRE, 2000b). A primeira estaria associada à instrumentalização do espaço, expressando estratégias onde se buscaria moldá-lo como forma adequada à reprodução do capital e à perpetuação das relações sociais que lhe constituem. Seria orientada para a produção de mais valia e para o controle social. A dinâmica do espaço social, por sua vez, seria forjada a partir das práticas da vida cotidiana. Ela expressaria a pluralidade de modos de vida e de formas de apropriação do espaço, não comportando a admissão de uma lógica unitária como fator determinante.
- 38 A cidade figuraria como lugar de encontro do diferente, espaço da troca por excelência. Seria uma configuração espacial indomesticável, aberta ao afloramento de conflitos e

jamais redutível à condição de forma coerente e adequada aos imperativos emanados de um centro de poder. A centralidade, por sua vez, seria o pressuposto fundamental da urbanidade. Ela se traduziria na possibilidade de confluência de toda a diversidade que pode existir no espaço para um ponto específico, no encontro, real ou possível, de todos os sujeitos e objetos. Nas palavras de Lefebvre:

Se é verdade que as palavras e conceitos: ‘cidade’, ‘urbano’ e ‘espaço’ correspondem a uma realidade global [...] e não designam uma aspecto menor da realidade social, o ‘direito à cidade’ se refere à globalidade assim considerada. Não é um direito natural, certamente, nem contratual. Em termos tão ‘positivos’ quanto possível, ele significa o direito dos cidadãos-citadinos, e dos grupos que eles constituem (sobre a base das relações sociais) de figurar em todas as redes e circuitos de comunicação, de informação e de trocas. O que não depende nem de uma ideologia urbanística, nem de uma intervenção arquitetônica, mas de uma qualidade ou propriedade essencial do espaço urbano: a centralidade. Não há realidade urbana [...] sem um centro: sem reunião de tudo que pode nascer no espaço e nele se produzir, sem encontro atual ou possível de todos os ‘objetos’ e ‘sujeitos’ (tradução livre).¹¹

- 39 Parece-me possível identificar uma relação de complementaridade entre a centralidade nos moldes como é concebida por Lefebvre e as categorias analíticas propostas por Magnani em dois sentidos: tanto recorrendo-se às segundas para melhor esmiuçar os sentidos da primeira, como valendo-se da noção de centralidade para conceituar as referidas categorias e explorar a sintaxe existente entre elas.
- 40 Quando se descreve o processo de estruturação de um pedaço, por exemplo, pode-se identificar um elemento ao redor do qual se agregam seus integrantes, um ponto que proporciona o encontro real ou possível de todos os seus frequentadores. Nesse sentido, seria cabível descrever uma quadra de futebol, um bar, uma pista de skate, uma praça, etc, como um elemento que exerce centralidade no âmbito do pedaço. De modo semelhante, quando se percorre um trajeto no interior de uma mancha em direção a um pórtico, caminha-se de um ponto onde as práticas que lhe conferem identidade expressam-se com maior efervescência a um lugar onde elas desaparecem. A longo do trajeto, a mancha vai se descaracterizando de modo gradual. Nesse sentido, seria possível conceber uma diferenciação entre um núcleo central, onde os elementos que caracterizam a mancha podem ser percebidos com nitidez, e uma zona periférica, onde eles se tornam progressivamente rarefeitos, até que se chegue a um ponto onde eles desaparecem por completo.
- 41 No sentido inverso, seria possível reconstruir a noção de centralidade nos termos propostos por Lefebvre com base nas categorias propostas por Magnina. Pode-se pensá-la como um fragmento da cidade onde se observa em grau superlativo a confluência de circuitos, a intersecção entre diferentes manchas e pedaços, o cruzamento de trajetos, a multiplicidade de pórticos, sendo concebida como expressão máxima da pluralidade de sentidos e de formas de apropriação do espaço urbano. Nesse sentido, o emprego da categoria “centralidade” seria compatível com uma perspectiva analítica sensível à diversidade social e à fragmentação, não se confundindo com a hierarquização de parcelas do espaço a partir da tomada dos mecanismos de reprodução do capital como única variável relevante.

Considerações finais

- 42 Voltemos ao debate sobre as centralidades de São Paulo para concluir as reflexões empreendidas ao longo do presente trabalho. Tomemos como referência a região da Berrini e o “Centro Antigo” para ilustrar as diferentes perspectivas analíticas a que fiz referência. Se elegêssemos os mecanismos de reprodução do capital como variáveis determinantes da análise, aferindo a centralidade a partir de critérios como a valorização dos imóveis, a concentração de corporações representativas dos setores mais dinâmicos da economia global, o dinamismo dos lançamentos imobiliários, e assim por diante, provavelmente seríamos levados a atestar o deslocamento da centralidade em direção à região da Berrini. Por outro lado, se pensássemos a centralidade a partir de fatores como a diversidade social, a variedade de formas de apropriação e uso do espaço e a densidade simbólica, dificilmente postularíamos a preponderância dessa área tão pouco heterogênea em relação ao “Centro Antigo”.

BIBLIOGRAPHY

- BORJA, Jordi; CASTELLS, Manuel. “As cidades como atores políticos”. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 45, julho/1996, pp. 152-166.
- CALDEIRA, Teresa P. R. *Cidade de muros: segregação, crime e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2000.
- CARLOS, Ana Fani A. “A metrópole de São Paulo no contexto da urbanização contemporânea”. *Estudos Avançados*, v. 23, p. 313-316. São Paulo, 2009.
- CASTELLS, Manuel. *La question urbaine*. Paris: Maspero, 1972.
- COMPANS, Rose. *Empreendedorismo urbano: entre o discurso e a prática*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- DAVIS, Mike. *Cidade de quartzo: escavando o futuro em Los Angeles*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- FIX, Mariana. *Parceiros da exclusão. Duas histórias da construção de uma ‘nova cidade’ em São Paulo: Faria Lima e Água Espraiada*. São Paulo, Boitempo, 2001.
- _____ *São Paulo cidade global: fundamentos financeiros de uma miragem*. São Paulo, Boitempo, 2007.
- FRÚGOLI JR., Heitor. “A questão da centralidade em São Paulo: o papel das associações de caráter empresarial”. *Revista de sociologia política*, n. 16. Curitiba: jun 2001.
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo, Loyola, 1992.
- _____ *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.
- _____ *The limits to capital*. London: Verso, 2006.

- “The right to the city”. *New Left Review*, n. 53, 2008.
- HESS, Remi. *Centre et peripherie*. Paris: Anthropos, 2001.
- LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1999.
- *Espace et politique*. Paris: Anthropos, 2000a.
- *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 2000b.
- *Le droit à la ville*. Paris: Anthropos, 2009.
- MAGNANI, José Guilherme C.. “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”. In: MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp, 1996.
- “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. In: *Revista brasileira de ciências sociais*, vol. 17, n. 49. São Paulo: jun. 2002.
- NICHOLLS, Walter J. “The Los Angeles School: difference, politics, city”. In: *International journal of urban and regional research*, vol. 35.1. Oxford: Blackwell, jan. 2011.
- NOVAIS, Pedro. *Uma estratégia chamada “planejamento estratégico”: deslocamentos espaciais e a atribuição de sentidos na teoria do planejamento urbano*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.
- SARMENTO, João. “Variações sobre o urbanismo pós-moderno”. In: *Revista da Faculdade de Letras-Geografia*, s. 1, vol. XIX. Porto: 2003.
- SASSEN, Saskia. *The global city: New York, London, Tokyo*. Princeton: Princeton University Press, 1991.
- SMITH, Neil. “A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à ‘regeneração’ urbana como estratégia urbana global”. In: BIDOU-ZACHARIASEN (org.). *De volta à cidade*. São Paulo: Annablume, 2006.
- “New globalism, new urbanism: gentrification as global urban strategy”. *Antipode*, vol.34. Nova Iorque, dez. 2002, pp. 427-50.
- *The new urban frontier: gentrification and the revanchist city*. London: Routledge, 1996.
- SOJA, Edward. *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- VAINER, Carlos. “Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano”. In: ARANTES, Otília; MARICATO, Ermínia; VAINER, Carlos. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. São Paulo: Vozes, 2000, 3. ed, p. 75-103.

NOTES

1. Como exemplo dessa corrente, poderíamos mencionar a obra “A questão urbana”, escrita por Manuel Castells nos anos setenta do século passado.
2. Em artigo sobre a Escola de Los Angeles, Walter Nicholls aponta como um dos traços característicos desta corrente teórica o questionamento dos modelos explicativos da Escola de Chicago a partir de pesquisas empíricas conduzidas na metrópole da costa oeste norte-americana, problematizando a suposição de que a cidade se estruturaria a partir de um centro dominante: “Nos anos 80, uma série de pesquisadores da Universidade da Califórnia - Los Angeles e da

Universidade do Sul da Califórnia começaram a examinar processos de reestruturação urbana através de uma série de ensaios teóricos e estudos de caso detalhados em Los Angeles. Eles descobriram formas e processos urbanos que não se conformavam aos persistentes modelos da Escola de Chicago. Ao invés de identificar uma cidade com zonas concêntricas ordenadas por um centro dominante, Los Angeles era uma região urbana polinucleada com um centro que era muito fraco para impor qualquer tipo de ordem a todas as suas partes. Seguindo a partir dessas constatações empíricas, esse grupo de pesquisadores (conhecido como Escola de Los Angeles) fez uma série de proposições teóricas importantes sobre o modo como as cidades se desenvolviam nas sociedades capitalistas contemporâneas (tradução livre)". No original: " In the 1980s a handful of scholars at the University of California, Los Angeles and the University of Southern California began to examine urban restructuring processes through a series of theoretical essays and detailed case studies on Los Angeles. They discovered urban forms and processes that did not conform to the longstanding models of the Chicago School. Rather than find a city with concentric zones ordered by a dominant center, Los Angeles was a polynucleated urban region with a center that was too weak to impose any kind of order on all the different parts. Following on from these empirical observations, this group of researchers (known as the LASchool) made a number of important theoretical assertions about the way cities developed in late-capitalist societies (NICHOLLS, 2011, p. 189)".

3. Nesse sentido, vale mencionar as considerações de Heitor Frúgoli Jr. acerca da ambivalente perspectiva de Soja quanto ao tema da centralidade: "Inspirado no caso de Los Angeles, o geógrafo Edward Soja – um dos representantes da Los Angeles School – afirma que o processo espreado e polinuclear de descentralização, típico da geografia das grandes cidades capitalistas desde o século XIX, vem sendo substituído por um processo ao mesmo tempo descentralizador e recentralizador, onde simultaneamente se observa tanto a ascensão da 'cidade externa' – vide as assim chamadas *edge cities* (ou 'cidades de contorno') –, quanto o 'renascimento do centro da cidade' [...] Assim, por um lado, Soja retoma a importância do centro nesse processo, pois esse define e dá substância à especificidade do urbano, conferindo seu sentido social e espacial singular, dado, inclusive, que somente com uma centralidade persistente é que pode haver cidades externas e urbanização periférica [...] Mas, por outro lado, o autor ressalta como o processo de reestruturação urbana tem resultado, no caso de Los Angeles, na acentuação de uma descentralização que se expressa em forte segregação e segmentação urbana em termos de etnia, classes e mesmo de categorias ocupacionais. Dessa forma, verifica-se a formação cada vez mais acentuada de uma cidade multipolar por excelência, onde a própria possibilidade de uma totalização reflexiva estaria impossibilitada, com a constatação – frente a um texto geográfico abundante, com múltiplos sentidos e significações – de uma paisagem pós-moderna, compreensível, por sua vez, somente através de uma geografia crítica pós-moderna (FRÚGOLI FR., 2001, pp. 51-52)".

4. Nesse sentido: "Entre os modelos de planejamento urbano que concorrem para ocupar o trono deixado vazio pela derrocada do tradicional padrão tecnocrático-centralizado-autoritário está o do chamado '*planejamento estratégico*'. O modelo vem sendo difundido no Brasil e na América Latina pela ação combinada de diferentes agências multilaterais (BIRD, Habitat) e de consultores internacionais, sobretudo catalães, cujo *marketing* aciona de maneira sistemática o sucesso de Barcelona (VAINER, 2002, p. 75)".

5. No artigo "As cidades como atores políticos", escrito em co-autoria com Manuel Castells (este já bastante distanciado da perspectiva marxista ortodoxa que inspirou a elaboração de uma abordagem estruturalista da temática urbana nos anos setenta), Borja, num texto de teor normativo, traça um diagnóstico dos desafios e das perspectivas das cidades no contexto atual, elencando os fundamentos a serem adotados para que as cidades tenham uma boa performance econômica.

6. O autor faz as seguintes ressalvas com relação à perspectiva macro: “Em primeiro lugar, observa-se a ausência dos atores sociais. Tem-se a cidade como uma entidade à parte de seus moradores: pensada como resultado de forças econômicas transnacionais, das elites locais, de lobbies políticos, variáveis demográficas, interesse imobiliário e outros fatores de ordem macro; parece um cenário desprovido de ações, atividades, pontos de encontro, redes de sociabilidade [...] A bem da verdade, não é propriamente a ausência de atores sociais que chama a atenção, mas a ausência de certo tipo de ator social e o papel determinante de outros. Em algumas análises, a dinâmica da cidade é creditada de forma direta e imediata ao sistema capitalista; mudanças na paisagem urbana, propostas de intervenção (requalificação, reciclagem, restauração), alterações institucionais não passam de adaptações às fases do capitalismo que é erigido, na qualidade de variável independente, como a dimensão explicativa última e total (MAGNANI, 2002, p.7)”.

7. “Essas totalidades são identificadas e descritas por categorias que apresentam, conforme já afirmado, um duplo estatuto: surgem a partir do reconhecimento de sua presença empírica, na forma de arranjos concretos e efetivos por parte dos atores sociais, e podem também ser descritas num plano mais abstrato. Neste caso, constituem uma espécie de modelo, capaz de ser aplicado a contextos distintos daquele em que foram inicialmente identificados. São, portanto, resultado do próprio trabalho etnográfico, que reconhece os arranjos nativos mas que os descreve e trabalha num plano mais geral, identificando seus termos e articulando-os em sistemas de relações (MAGNANI, 2002, p. 17)”.

8. Nas palavras de Magnani: “Retomando, para melhor diferenciar: ainda que *pedaço* e *mancha* tenham em comum uma referência espacial bem delimitada, a relação do pedaço com o espaço é mais transitória, pois pode mudar-se de um ponto a outro sem se dissolver, já que seu outro componente constitutivo é o simbólico, em razão da forte presença de um código comum. Já a *mancha* – delimitada pelos equipamentos que se complementam ou competem entre si no oferecimento de determinado bem ou serviço – apresenta uma relação mais estável com o espaço e é mais visível na paisagem: é reconhecida e frequentada por um círculo mais amplo de usuários (MAGNANI, 2002, p.24)”.

9. Para Magnani, “a noção de *circuito* também designa um uso do espaço e de equipamentos urbanos – possibilitando, por conseguinte, o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos –, porém de forma mais independente com relação ao espaço, sem se ater à contiguidade, como ocorre na *mancha* ou no *pedaço*. Mas tem, igualmente, existência objetiva e observável: pode ser levantado, descrito e localizado.” O autor exemplifica a aplicação desta categoria, dizendo ser “possível distinguir um *circuito* principal que engloba outros, mais específicos: o *circuito* dos acupunturistas ou o dos astrólogos, por exemplo, fazem parte do *circuito* principal neo-esotérico e com ele mantém contatos, vínculos e trocas (MAGNANI, 2002, p.24)”.

10. Magnani faz uma síntese das categorias propostas em seu artigo: “Desenvolvi algumas categorias que descrevem as formas como podem se apresentar alguns desses recortes na paisagem urbana – *pedaço*, *mancha*, *trajeto*, *circuito* – procurando mostrar as possibilidades que abrem para identificar diferentes situações da dinâmica cultural e da sociabilidade na metrópole: a noção de *pedaço* evoca laços de pertencimento e estabelecimentos de fronteiras, mas pode estar inserida em alguma *mancha*, de maior consolidação e visibilidade na paisagem; esta, por sua vez, comporta vários *trajetos* como resultado das escolhas que propicia a seus frequentadores. Já *circuito*, que aparece como uma categoria capaz de dar conta de um regime de trocas e encontros no contexto mais amplo e diversificado da cidade (e até para fora dela), pode englobar *pedaços* e *trajetos* particularizados (MAGNANI, 2002, p.27)”.

11. No original: “S’il est vrai que les mots et concepts: ‘ville’, ‘urbain’, ‘espace’, correspondent à une réalité globale [...] et ne désignent pas un aspect mineur de la réalité sociale, le **droit à la ville** se réfère à la globalité ainsi visée. C’est n’est pas un droit naturel, certes, ni contractuel. En termes aussi ‘positifs’ que possible, il signifie le droit des citoyens-citadins, et des groups qu’ils

constituent (sur la base des rapports sociaux) à figurer sur tous les réseaux et circuits de communication, d'information, d'échanges. Ce qui ne depend ni d'une idéologie urbanistique, ni d'une intervention architecturale, mais d'une qualité ou propriété essentielle de l'espace urbain: la centralité. Pas de réalité urbaine [...] sans un centre: sans un rassemblement de tout ce qui peut naître dans l'espace et s'y produire, sans rencontre actuelle ou possible de tous les 'objets' et 'sujets' (LEFEBVRE, 2000a, p. 21-22)".

ABSTRACTS

Este trabalho traz uma reflexão sobre o emprego da categoria “centralidade” em formulações teóricas sobre o espaço urbano. Busca-se identificar as diferentes perspectivas quanto à sua relevância para a caracterização da dinâmica das cidades no mundo contemporâneo, bem como a existência de concepções distintas de centralidade no âmbito do debate. Relaciona-se a afirmação ou negação de sua importância ao maior ou menor grau de alinhamento da corrente teórica em questão a modelos explicativos de viés totalizante. Reconhecendo-se os riscos de simplificação envolvidos em análises de abrangência mais ampla, explora-se a possibilidade de se pensar a noção de centralidade a partir da diversidade social e da fragmentação existentes nas cidades, de modo que sua utilização não reflita uma leitura unidimensional do fenômeno urbano, em que se priorize uma determinada variável em detrimento das demais, mas sim a sua caracterização a partir da pluralidade de agentes e lógicas existentes no espaço urbano. Por fim, busca-se evidenciar a compatibilidade e a complementaridade entre o modo como Henri Lefebvre concebe a centralidade e o arcabouço de categorias analíticas propostas por José Guilherme Magnani para a perspectiva etnográfica aos estudos urbanos.

The purpose of this work is to offer a reflection about the use of the expression “centrality” as a category in the theoretical approach about urban space. It tries to identify different perspectives – according to the relevance given to this concept – in order to characterize the city dynamics in the contemporary world. It also recognizes the existence of different conceptions for the term centrality in this debate, assuming that to affirm or to deny centrality's importance is related to the proximity of a determined theory to explanatory models based on a totalizing bias. Recognizing the risk of simplification involved in analysis that aim a broader scope, the present study explores the possibility of thinking about centrality as a concept that takes into account the social diversity and the process of fragmentation existing in cities, avoiding the use of this term in an one-dimensional sense that prioritizes one variable over all other, and conceiving it as the expression of the plurality of agents and dynamics existing in urban space. Finally, this study aims to demonstrate the compatibility and complementarity between Henri Lefebvre's approach of centrality and the framework of analytical categories proposed by José Guilherme Magnani to apply the ethnographic perspective to urban studies.

INDEX

Keywords: centrality, totality, fragmentation

Palavras-chave: centralidade, totalidade, fragmentação

AUTHOR

ALVARO LUIS DOS SANTOS PEREIRA

Doutorando em Direito Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Direito Econômico de Financeiro da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Contato: alvarolsp@yahoo.com